



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

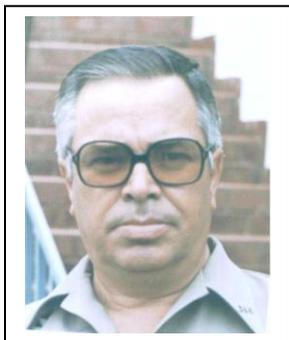
ANO 2013

ABRIL

Nº 54

O USO MILITAR DE JANGADAS NO BRASIL - UM EXEMPLO

**Cel Cláudio Moreira Bento - Historiador Militar e
Jornalista - Presidente da FAHIMTB/AHIMTB/Resende,
IHTRGS e ACANDHIS**



De 1763 a 1777, a posse do Rio Grande do Sul foi disputada pelas armas entre Portugal e Espanha. Os espanhóis o invadiram a partir de Buenos Aires, em 1763, pelo litoral e, em 1771-74, pela campanha, chegando a controlar cerca de 2/3 de seu atual território, com suas bases em Rio Grande, Santa Tecla (próximo a Bagé) e São Martinho (próximo a Santa Maria e chave do acesso aos Sete Povos das Missões).

Em 1774, Portugal decidiu desfechar uma contra-ofensiva para recuperar o Rio Grande, tendo organizado o poderoso Exército do Sul, ao comando do Tenente-General Henrique Böhn, contratado por Portugal para liderar a empresa, e mobilizando recursos de toda a ordem em Portugal, no Brasil e em Angola. O Exército foi concentrado em São José do Norte tendo como base logística Porto Alegre e os efetivos em Rio Pardo, para atuar na campanha à base de guerrilhas, na condução da 'Guerra à Gaúcha'.

E, primeiramente, expulsou os espanhóis de São Martinho, em 31 de outubro de 1775, de Santa Tecla, no início de 1776, e reconquistou a Vila de Rio Grande (1º de abril de 1776) que há 13 anos estava em poder de Espanha.

Para o sucesso dessa feliz empreitada, das três vagas de assalto à margem sul do sangradouro da Lagoa dos Patos, 13 jangadas foram construídas com madeira especial enviada de Pernambuco, por uma equipe composta de um sargento e sete soldados pernambucanos do 'Regimento de Henriques' que guarnecia a ilha de Santa Catarina.

Os detalhes dessa operação, pouco conhecida, abordamos em nosso livro **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-76**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996, com apoio nas Memórias e cartas ao vice-rei do Tenente-General Böhn, as quais revelamos pela primeira vez, no todo e em português, depois de traduzidas do francês pelo Coronel Nei Paulo Pannizzutti e com 260 notas e vários outros complementos,

inclusive respondendo a quesitos formulados pelo Estado-Maior do Exército para pesquisas em seu proveito.

A presença de jangadas foi assim resumida na Memória de Böhn:

...Em 5 de janeiro de 1776, recebi de Pernambuco várias sumacas com madeiras de Pernambuco para a construção de jangadas. Pedi a um pernambucano aqui residente que construísse uma jangada, o que ele a fez pequena sem se responsabilizar por sua eficiência.

Ela movimentou-se bem a remos e a vela, apesar de haver provocado risos na tropa por seu aspecto (...). Pedi ao governador de Santa Catarina que me enviasse soldados de Pernambuco ali destacados e que soubessem fabricá-las. Em 26 de janeiro de 1776, ele enviou um sargento e sete soldados capazes, que logo iniciaram a construí-las com madeira mais porosa e leve do que a cortiça, só conhecida em Pernambuco, já acontecendo de algumas terem chegado até a Bahia (...).

“Essas jangadas têm calado ínfimo e aqui andam muito depressa. Mandei construir quatro na Fronteira Norte (São José do Norte atual) e quatro no Lagamar (enseada fora da barra onde aportavam navios portugueses sem interferência inimiga). Comecei a exercitar os soldados a manejá-las e a nelas confiar quanto à sua segurança...”

O plano de Böhn era usá-las no assalto a fortes espanhóis na margem sul. Assim ele escreveu ao Vice-rei em 10 de março de 1776:

“...o rei possui agora aqui barcos muito apropriados para navegar (no Sangradouro da Lagoa dos Patos). As jangadas são o que há de melhor para atravessar e transportar pessoas e tem acesso a todos os locais, em razão da pouca profundidade das margens do sangradouro. Quando mandei construir a primeira a tropa riu à socapa¹. Logo a seguir, aplaudiram o seu desempenho operacional...”

Na madrugada de 1º de abril de 1776 elas transportaram, com sucesso, em dois escalões de ataque com 200 granadeiros cada, as duas primeiras vagas de assalto, sendo a do Ataque Principal guiada pelo Tenente de Dragões e Ajudante de Ordens de Böhn, nascido em Rio Grande - Manoel Marques de Souza, atual denominação histórica da 8ª Brigada Motorizada, com Quartel-General em Pelotas. Granadeiros do atual Batalhão Sampaio encarregaram-se do ataque secundário.

Em carta de 8 de setembro de 1776, ao Vice-Rei Marquês do Lavradio, Böhn escreveu:

“...A opinião de V. Excia. sobre o uso militar das jangadas é tão justo que sem elas eu teria tido dificuldades de atravessar o Sangradouro (de São José do Norte atual a Rio Grande). Ficaria encantado de receber mais madeira para fabricá-las...”

A Revista Militar Brasileira, atual **Revista do Exército** (janeiro/junho de 1976 p. 26) publicou uma gravura da época focalizando uma dessas jangadas, em artigo de Abeillard Barreto.

Este é mais um eloquente exemplo da criatividade militar luso-brasileira e da sua singular contribuição para o sucesso da grande operação anfíbia conjunta, Exército e Esquadra, que reconquistaram a Vila de Rio Grande em 1776, definindo assim, pelas armas, o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, confirmado pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777.

¹ À socapa: furtivamente, com disfarce (Dic. Bras. da Língua Port. O Globo).

Hoje os que andam de jangada a vela sobre trilhos, atração turística no molhe sul da barra do Rio Grande, longe estão de imaginar que treze delas foram importantes para transpor, de São José do Norte para o lado da cidade de Rio Grande, as tropas luso-brasileiras que a reconquistaram aos espanhóis, em 1º de abril de 1776, dia de São Francisco de Paula, nome primitivo da cidade de Pelotas e o seu padroeiro em reverência àquela feliz reconquista.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

VOCÊ SABE O QUE SIGNIFICA “VITÓRIA DE PIRRO”?

Pirro (Pyrrhus), rei do Épiro, região a noroeste da Grécia, interveio em proveito dos gregos no conflito entre Roma e a Magna Grécia.

Com um poderoso exército, Pirro venceu os romanos em várias batalhas sem lucrar com isso tendo, em contrapartida, grande número de baixas.

Após um combate em que saiu vencedor teria afirmado:

- “Mais uma vitória dessas e estaremos liquidados” -

Os romanos, que se recuperavam após cada batalha perdida, acabaram vencendo Pirro em 247 a.C. Derrotado, o Rei do Épiro voltou para o seu reino, dando origem à expressão “vitória de Pirro”, ou seja, aquela em que a vitória nem sempre significa vitória total (SAVIAN, Elonir José, Cap QCO et LACERDA, Paulo Henrique Barbosa, Cap QCO. Manual Escolar de História Militar Geral. Resende: AMAN, 2009).

O Mito de Pirro serve para exemplificar que nem sempre a vitória pertence ao vencedor. Muitas vezes, lutamos para manter um emprego, uma posição social, um relacionamento, mas pagamos muito caro por isso. A expressão “vitória de Pirro” é uma metáfora para descrever uma vitória que de tão sacrificada, de tão desgastada, de tão violentamente conquistada, praticamente não valeu a pena alcançar, ou seja, o custo foi mais alto do que as vantagens obtidas. A expressão "vitória de Pirro" não se refere a uma vitória difícil mas a uma vitória inútil, potencialmente acarretadora de prejuízos irreparáveis, prejudiciais ao vencedor.

O seu nome tornou-se famoso pela expressão "Vitória Pírrica", quando da vitória na Batalha de Ásculo. Quando lhe deram os parabéns pela vitória conseguida a custo, diz-se que respondeu com estas palavras: "Mais uma vitória como esta, e estou perdido."

Pirro escreveu ainda *Memórias* e vários livros sobre a arte da guerra. Os escritos perderam-se, mas sabe-se que foram usados por Aníbal e elogiados por Cícero.

Quando Pirro invadiu a Apúlia (279 a.C.) os dois exércitos defrontaram-se na Batalha de Ásculo onde Pirro obteve uma vitória muito a custo. Os romanos perderam 6.000 homens e Pirro perdeu 3.500. Foi um duro golpe no exército de Pirro, que não aguentaria outro desfalque semelhante contra os romanos.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com